

**CORPOS NO MUNDO: A  
GEOGRAFICIDADE DO CONCEITO  
DE LUGAR DE FALA**

*BODIES IN THE WORLD: THE  
GEOGRAPHY OF THE CONCEPT OF PLACE  
OF SPEECH*

*CUERPOS EN EL MUNDO: LA GEOGRAFÍA  
DEL CONCEPTO DE LUGAR DE  
ENUNCIACIÓN*

**LUYANNE CATARINA LOURENÇO DE  
AZEVEDO**

Mestranda em Geografia – Faculdade de  
Formação de Professores, Universidade do  
Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São  
Gonçalo/RJ.

E-mail: luyanne.azevedo@gmail.com

**Resumo:** Este artigo tem como propósito discutir as aproximações e distanciamentos do conceito de lugar de fala e o de lugar – um dos principais conceitos para a geografia – e pensando metodologicamente a partir da produção social do espaço. Por meio de uma análise espacial de ambos os conceitos e a partir das noções de corpo, corporeidade e diferenças, será pensado como a proximidade do lugar de fala e de lugar se dão a partir da escala da experiência e da vivência. O conceito de lugar será pensado a partir de Yi-Fu Tuan (1983), já o espaço será conceituado através das obras de Doreen Massey (1994, 2008). Já os distanciamentos se dão a partir do momento que o conceito de lugar de fala promove um esvaziamento do conceito de lugar, a partir que este é tratado apenas como sinônimo de local.

**Palavras-chave:** corpo, geografia, lugar.

**Abstract:** This article aims to discuss the approaches and distances of the concept of place of speech and place - one of the main concepts for geography - and thinking methodologically from the social production of space. Starting of a spatial analysis of both concepts and from the notions of body, corporeity and differences, it will be thought as the proximity of the place of speech and place are given from the scale of experience. The concept of place will be thought from Yi-Fu Tuan (1983), and space will be conceptualized through the works of Doreen Massey (1994, 2008). Already the distances are given from the moment that the concept of place of speech promotes an emptying of the concept of place, since this is treated only as a synonym of spot.

**Keywords:** body, geography, place.

**Resumen:** Este artículo tiene como propósito discutir las aproximaciones y distanciamientos del concepto de lugar de enunciación y el de lugar - uno de los principales conceptos para la geografía - y pensando metodológicamente a partir de la producción social del espacio. Por medio de un análisis espacial de ambos conceptos ya partir de las nociones de cuerpo, corporeidad y diferencias, será pensado como la proximidad del lugar de enunciación y de lugar se dan a partir de la escala de la experiencia y de la vivencia. El concepto de lugar se pensará a desde Yi-Fu Tuan (1983), ya el espacio será conceptualizado a través de las obras de Doreen Massey (1994, 2008). Ya los distanciamientos se dan a partir del momento que el concepto de lugar de enunciación promueve un vaciamiento del concepto de lugar, a partir de que éste es tratado sólo como sinónimo de local.

**Palabras clave:** cuerpo, geografía, lugar.

## Introdução<sup>1</sup>

Este artigo tem como propósito discutir a geofricidade de um conceito que nos últimos anos invadiu principalmente a *internet*, coletivos e espaços de discussão política: O lugar de fala, que

---

<sup>1</sup> Trabalho financiado pela CAPES, por meio de bolsa de mestrado.

recentemente foi sistematizado em livro pela filósofa Djamilia Ribeiro (2017). A inspiração para a escrita deste trabalho se deu a partir de uma provocação-inquietação do professor doutor Denilson Araujo de Oliveira, acerca de possíveis aproximações e distanciamentos entre o conceito de lugar de fala e o de lugar, tão caro para a Geografia. Já o título se dá em alusão à música “Um Corpo no Mundo”, da cantora baiana Luedji Luna (2017).

Segundo Diogo Marçal Cirqueira (2008, p. 18) o conceito de lugar é usado, por muitas vezes, como simples termo e não como categoria de análise, sendo “[...] empregado como sinônimo de local ou localização para identificar um ponto no espaço, ou, poderíamos dizer, para identificar um ponto cartográfico-geométrico.”

O local seria a dimensão espacial com a qual o indivíduo se relacionaria de forma direta e efetiva. Ainda assim, não devemos confundir-lo com o lugar – ou qualquer outra categoria geográfica (território, região, paisagem etc.), já que o local é um ponto físico ou cartográfico. Assim sendo, a relação do indivíduo ou do grupo com o local é uma relação superficial e efêmera em que não se estabelece relações simbólicas de vínculo, reconhecimento ou familiaridade. O local seria um “simples” ponto no espaço, um “espaço físico-geométrico” esvaziado de situações individuais e/ou sociais que o preencheria de valor subjetivo/abstrato. Apesar disso, o local possui um dilema constante do devir a se tornar um lugar, e isso dependerá da relação do indivíduo com essa dimensão do espaço (CIRQUEIRA, 2010, p. 40).

Já o conceito de lugar de fala que conhecemos atualmente, de acordo com Ribeiro (2017), parte do campo da análise do discurso, ligado às relações de poder intrínsecas nestes mesmos discursos e do regime da autorização discursiva. Mas quais são as aproximações entre os dois conceitos? O lugar de fala pode ser geográfico, ou

apresenta-se apenas como um lócus de enunciação? A partir das noções de Corpo, corporeidade e pensando metodologicamente a partir da produção social diferenças, serão discutidas as possíveis interações entre o lugar de fala e lugar – conceito geográfico.

### **A produção social das diferenças e do lugar de fala**

Nos últimos anos assistimos ao fenômeno do lugar de fala sair das redes sociais e dos espaços de militância para emergir como conceito acadêmico, a partir dos trabalhos de Ribeiro (2017; 2018). Porém, de onde vem o conceito? Segundo a autora, a origem como conhecemos hoje é imprecisa. Existe uma conceituação do termo que vem da comunicação social, a partir da tentativa de caracterizar o lugar de fala da imprensa popular. Ainda de acordo com a filósofa, acredita-se que o termo – da forma que se utiliza nos dias atuais - surge a partir de discussões acerca do *feminist stand point*, termo cunhado por Patricia Hills Collins (1997) e traduzido como ponto de vista feminista. A teoria explicita que a partir de experiências individuais é possível compreender as condições sociais de um grupo – e quais são as experiências compartilhadas:

As reflexões e trabalhos gerados nessas perspectivas, conseqüentemente, foram sendo moldados no seio dos movimentos sociais, muito marcadamente no debate virtual, como forma de ferramenta política e com o intuito de se colocar contra uma autorização discursiva. Porém, é extremamente possível pensá-lo a partir de certas referências que vêm questionando quem pode falar. [...] Ao reivindicar os diferentes pontos de análises e a afirmação de que um dos objetivos do feminismo negro é marcar o lugar de fala de quem as propõem, percebemos que essa marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da

normatização hegemônica (RIBEIRO, 2017, p. 58-60).

Ribeiro (2017) explica ainda que o conceito de lugar de fala traz consigo, para além do lócus de enunciação, a quebra do regime de autorização discursiva a partir das experiências de grupos sociais, como também sugere Collins (1997) a partir da teoria do ponto de vista feminista. Como exemplo, a autora cita os afro-americanos enquanto grupo racial estigmatizado, que existem muito antes dela nascer e que provavelmente continuarão a existir depois de sua morte. Collins (1997) explica ainda que embora suas experiências individuais em relação ao racismo institucionalizado sejam únicas, as restrições e tipos de oportunidades que ela encontra diariamente assemelham-se àquelas que muitas outras afro-americanas e afro-americanos enfrentam como grupo.

Desta forma, o lugar de fala e a teoria do ponto de vista se aproximam a partir da autorização do lócus de enunciação discursiva, ou seja, o direito de grupos que constantemente são vistos como subalternos possuem de falarem e serem escutados, de ter seus saberes legitimados e compreendidos como tais, a partir do que Ribeiro (2017) chama de necessidade de voltar-se para outras geografias de razão e saberes, pensar e construir outras racionalidades.

Seria preciso, então, desestabilizar e transcender a autorização discursiva branca, masculina cis e heteronormativa e debater como as identidades foram construídas nesses contextos. [...] A teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se pensam universais, se racializem, entendam o que significa ser branco como metáfora do poder, como nos ensina Kilomba (RIBEIRO, 2017, p. 28-70).

Segundo Maria Lugones (2014) o homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão - um ser de mente e razão. Lugones (2014) define ainda que a mulher é vista como inversão e deformação do homem. A estória do mundo – e nem sua geografia - não pode ser contada como apenas como a estória do “Ocidente” ou pela figura do macho, branco, heterossexual, pois tais trajetórias não são universais, e sim fazem parte de uma complexidade (MASSEY, 2008; MOHANTY, 2008; PIEDADE, 2017; RIBEIRO, 2017). Chandra Mohanty (2008) chama esta universalização da mulher de armadilha do feminismo ocidental e de olhar colonizador. Mas o que seria isto?

Par a autora foi sendo construída uma noção monolítica, singular, homogênea e reducionista das diferenças entre mulheres, uma espécie de universalização da mulher. Como se “mulheres” fosse um grupo homogêneo e singular, com interesses idênticos, independente da classe social, dos aspectos étnico-raciais, de suas localizações geográficas ou contradições sociais, criando uma noção sociológica de igualdade da opressão universal, já que todas são mulheres (MOHANTY, 2008; PIEDADE, 2017; RIBEIRO, 2017). Para as autoras, universalizar as mulheres é sinônimo de negar e silenciar seus espaços, histórias, falas e diferentes trajetórias.

Simone de Beauvoir (1980) explicita que a relação de homens para com as mulheres é a de dominação, na qual a mulher é definida a partir do olhar masculino, sendo desta forma vista como “o outro” do próprio homem. Já as mulheres negras, para Grada Kilomba (2008) são como “o outro do outro”, pois estas são vistas duplamente neste lugar de subordinação, ou seja, enquanto mulheres e enquanto negras. Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000,

p. 96) “o outro é outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra sexualidade, o outro é a outra raça, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente”.

Como a diferença designa o “outro”? Quem define a diferença? Quais são as normas presumidas a partir das quais um grupo é marcado como diferente? Qual é a natureza das atribuições que são levadas em conta para caracterizar um grupo como diferente? Como as fronteiras da diferença são constituídas, mantidas ou dissipadas? Como a diferença é interiorizada nas paisagens da psique? Como são os vários grupos representados em diferentes discursos da diferença? A diferença diferencia lateral ou hierarquicamente? (BRAH, 2006, p. 359).

Silva (2000) explica, a partir do campo do currículo e das relações sociais dentro das escolas, como as identidades e as diferenças são produzidas socialmente e reproduzidas no espaço escolar a partir dos ideais de diversidade e tolerância. Para o autor é necessário que sejam criadas estratégias que admitam e reconheçam o fato de que a diversidade “torna-se incapaz de fornecer os instrumentos para questionar precisamente os mecanismos e as instituições que fixam as pessoas em determinadas identidades culturais e que as separam por meio da diferença cultural” (SILVA, 2000, p. 98). Já Silvio Gallo (2005) afirma que o Estado opera pela capturas de fluxos desejanos, conformando-os em uma identidade restrita; captura subjetividades para transformá-las em sujeitos, corroborando com a ideia de que as diferenças são socialmente produzidas e reproduzidas.

Uma primeira estratégia pedagógica possível, que poderíamos classificar como “liberal”, consistiria em estimular e cultivar os bons sentimentos e a boa vontade para com a chamada “diversidade” cultural. Neste caso, o pressuposto básico é o de

que a "natureza" humana tem uma variedade de formas legítimas de se expressar culturalmente e todas devem ser respeitadas ou toleradas - no exercício de uma tolerância que pode variar desde um sentimento paternalista e superior até uma atitude de sofisticação cosmopolita de convivência para a qual nada que é humano lhe é "estranho" (SILVA, 2000, p. 96-97).

Assim, a partir da desumanização e da dominação de uns em detrimento de Outras e Outros, cria-se sujeitas e sujeitos desejáveis, considerados a norma, enquanto estas Outras e Outros são considerados fora do padrão e conseqüentemente estigmatizadas e estigmatizados:

O status de ser o "outro" implica ser o outro em relação a algo ou ser diferente da norma pressuposta de comportamento masculino branco. Nesse modelo, homens brancos poderosos definem-se como sujeitos, os verdadeiros atores, e classificam as pessoas de cor e as mulheres em termos de sua posição em relação a esse eixo branco masculino. Como foi negada às mulheres negras a autoridade de desafiar essas definições, esse modelo consiste de imagens que definem as mulheres negras como um outro negativo, a antítese virtual da imagem positiva dos homens brancos (COLLINS, 2016, p. 105).

A partir deste pensamento, concorda-se com Milton Santos (1977) quando este afirma que a casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro e os caminhos que unem esses pontos, são igualmente elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e mulheres e comandam suas práticas sociais no espaço.

De acordo com Marcelo Lopes de Souza (2013, p. 241) todas as práticas espaciais são sociais. Toda prática espacial/social é uma ação, inscrita nos marcos das relações sociais. Por isso a importância de articular o conceito de prática espacial com os de relação e ação social. As práticas espaciais são práticas sociais em que a

espacialidade, a organização espacial, a territorialidade, a “lugaridade” são componentes nítidos e destacados da forma de organização, do meio de expressão e/ou dos objetivos a serem alcançados. Assim, é possível pensar como a produção social das diferenças impacta, também, na produção social do espaço e da significação do conceito de Lugar para cada indivíduo e indivíduo.

### **Espaço e lugar**

Doreen Massey (2008, p. 29) convida-nos a imaginar o espaço como “simultaneidade de histórias-até-agora”. Desta forma, as histórias, narrativas e trajetórias estão simultaneamente espacializadas, cada uma em seu espaço-tempo-lócus social. Nesta perspectiva, Portugal (2013) afirma que é dos saberes construídos, das experiências vividas e compartilhadas que as pessoas são formadas. O entrecruzamento entre trajetória de vida pessoal, percursos, itinerâncias, deslocamentos e trajetórias socioespaciais tecem as narrativas de si. As sujeitas, os sujeitos e seus corpos não poderiam estar escrevendo e inscrevendo, diariamente no espaço, suas múltiplas vivências: suas escrevivências<sup>2</sup> espaciais?

Alex Ratts (2003) afirma que há espaços onde certos grupos sociais ou indivíduos sentem-se habituados, e ao mesmo tempo, espaços que são estranhos para estas pessoas, e que é papel da ciência geográfica investigar a forma que as relações sociais se manifestam no espaço. Neste aspecto, conclui-se que o espaço é vivenciado de diferentes formas pelos indivíduos em seu cotidiano,

---

<sup>2</sup> Conceito cunhado pela escritora Conceição Evaristo (2017). A autora chama de escrevivência a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, de si. As memórias, esquecimentos, experiências e vivências misturam-se a todo o tempo com as narrativas.

uma vez que as relações de classe, gênero e raça são produzidas e estão constituídas no espaço.

Na lógica capitalista, o espaço, é um meio de produção materialista, controle e potência, locus das relações sociais e de produção do trabalho (LEFEBVRE, 2013). Segundo Massey (2008) a produção do espaço não é espontânea, é um processo contínuo e dinâmico. A autora explicita ainda que o espaço é o produto de inter-relações, constituído por interações que possibilitam a existência de multiplicidades, ou seja, onde diversas trajetórias coexistem. O espaço é plural, aberto, relacional e está num constante processo de devir: não se encontra fechado em si mesmo.

A generificação e racialização do espaço refletem no modo como gênero e raça são construídos e compreendidos na sociedade (MASSEY, 1994). Este processo se dá nas mais diversas esferas: desde as práticas educativas ou de governo, a política, justiça, igreja – Todas são atravessadas pelo gênero e pela raça, produzidos e engendrados a partir dessas relações (LOURO, 1997). Assim, pode-se dizer que o espaço, enquanto produtor das relações sociais produz também as relações de gênero, classe social, sexualidade, raça... Para compreender o espaço geográfico brasileiro, desde sua formação socioespacial, é necessário refletir acerca de questões estruturantes como as diferenças de classe, o sexismo, a escravização de indígenas e pessoas negras trazidas – de forma forçada - de diversas localidades da África para cá. O desdobramento destas questões são presentes até hoje e estão nítidas no imaginário e na realidade social e cultural brasileira, por meio do machismo, racismo, discriminação e a segregação espacial.

Neste aspecto, conclui-se que o espaço é vivenciado de diferentes formas pelos indivíduos em seu cotidiano, uma vez que as

relações de classe, gênero e raça são produzidas e estão constituídas no espaço. Lefebvre (2013) divide a concepção de espaço em três: espaço mental, físico e social. Todos estes espaços podem ser vividos, percebidos ou concebidos. Numa perspectiva interseccional<sup>3</sup>, há a associação de gênero aos conceitos de raça e classe social, e uma apropriação da consciência crítica no que concerne a compreensão e a busca por superação de desigualdades.

[...] Análises interseccionais, nas quais o espaço é um foco de atenção, possibilitam a criação de uma perspectiva analítica complexa das vivências humanas, e também permitem escapar da armadilha do espaço fixo, dado e constituído por dinâmicas sociais pouco palpáveis no cotidiano das pessoas (SILVA; SILVA, 2014, p. 32).

A partir das vivências de individuais e indivíduos no espaço é que se pode pensar no conceito de lugar. Yi-Fu Tuan (1983) afirma que espaço e lugar são termos familiares e indicam experiências comuns. Estão conectados e se complementam, à medida que as memórias afetivas associam o espaço às experiências. Assim, o lugar resulta do espaço.

Corroborando com Tuan (1983), Cirqueira (2008, 2010) aponta que o conceito de lugar é usado tanto para enfatizar relações íntimas e simbólicas das pessoas com o espaço, quanto para delimitar a espacialidade das vivências de grupos sociais. Assim, partir da escala do fenômeno, do vivido, da experiência, pode-se construir a experiência geográfica, mantendo relações com situações históricas (RIVERA, 2015). É possível perceber que a experiência torna-se

---

<sup>3</sup> A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias onde mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça, classe – modernos aparatos coloniais. (AKOTIRENE, 2008, p. 14)

central para o conceito de lugar. Ainda de acordo com Tuan (1983), a partir da experiência e das repetições, significado de espaço frequentemente é fundido com o de lugar.

O espaço é, num primeiro momento, indiferenciado e transforma-se em lugar à medida que sujeitas e sujeitos o conhecem e o dotam de valor - no campo da sensibilidade e afetividade. A partir de experiências sensoriais, misturando vistas, sons, cheiros que se relacionam com as indivíduos e indivíduos no campo do afeto, o espaço torna-se lugar. É por meio da memória afetiva que este lugar firma-se enquanto aconchego, acolhimento.

Assim, pode-se pensar neste artigo o espaço enquanto lócus das relações humanas, das vivências e da coexistência de múltiplas histórias e trajetórias, no qual as experiências se desenrolam e acontecem e já o lugar enquanto afeto sensibilidade, sendo assim. Sendo o corpo lugar de sensibilidade, memória e afeto, é possível pensar assim no corpo-lugar, pois a experiência e a vivência se dão a partir da corporeidade e do corpo, da forma que estes corpos são inseridos e se inserem no mundo.

### **Corpos no mundo**

O corpo e a corporeidade são de extrema importância no debate sobre sujeitas e sujeitos, identidades e deslocamentos. Pode-se pensar aqui também no corpo-grafia, pois indivíduos e indivíduos são lidas a partir de seus corpos e sua estética, grafam a partir suas vivências e deslocamentos pelo espaço, suas trajetórias socioespaciais<sup>4</sup> - a forma que os corpos se inscrevem e são inscritos

---

<sup>4</sup> As trajetórias socioespaciais não comportam, apenas, os trajetos geométricos, mas também as trajetórias sociais e espaciais. (RATTS, 2003; SOUZA, 2007; SOUZA e RATTS 2008a, 2008b, 2009)

no mundo. Ou seja, são de extrema importância no debate sobre identidades e deslocamentos.

[...] a corporeidade nos leva a pensar na localização (talvez pudéssemos chamar de lugaridade), a mobilidade, a destreza de cada um de nós, isto é, a capacidade de fazer coisas bem ou mal, muito ou pouco e as possibilidades daí decorrentes. E aí aparece em resumo, o meu corpo, **o corpo do lugar, o corpo do mundo**. Eu sou visto, no meio, pelo meu corpo. Quem sabe o preconceito não virá do exame da minha individualidade, nem da consideração da minha cidadania, mas da percepção da minha corporalidade (SANTOS, 1997, p. 134-135).

Ainda de acordo com Santos (2002, p. 159) “a corporeidade implica dados objetivos, ainda que sua interpretação possa ser subjetiva; a individualidade inclui dados subjetivos, ainda que possa ser discutida objetivamente”. A corporeidade é, assim, a forma que corpos são lidos no espaço, a grafia corporal.

Para Massey (2008) o espaço não existe antes de identidades/entidades e suas relações, e também, sem os corpos. “Se as identidades, tanto as especificamente espaciais quanto as outras, são, de fato, construídas relacionalmente, então isto coloca a questão da geografia dessas relações de construção” (MASSEY, 2008, p. 31). Já Ruy Moreira (2017, p. 14) afirma que “se o universo da percepção é a apreensão pelo aparente de nosso mundo imediato de contatos, quem por meio dela está apreendendo é o nosso corpo, e fala mais alto o dizer da sensibilidade corpórea.”

Se todas as experiências vividas pelas pessoas possuem uma dimensão espacial e as pessoas experienciam o mundo com seus corpos e seus corpos estão organizados socialmente pelo gênero, podemos afirmar que compreender as formas como homens e mulheres experienciam a vida e, por consequência, o espaço é com toda a certeza profundamente geográfico. [...] A Geografia, como

uma ciência da sociedade, está implicada na construção da compreensão da complexidade social que envolve uma multiplicidade de sujeitos. No Brasil, mais de 45% da população não é branca e 50% não são masculina. Mesmo assim, a análise espacial geográfica está baseada na ação de “sujeitos universais”, em geral descorporificados, sem considerar os marcadores sociais que são utilizados nos processos de hierarquização dos seres humanos (SILVA, 2014, p. 97-102).

A partir da sensibilidade corpórea e das experiências vividas pelo nosso corpo, é possível pensar nas dimensões espaciais e sensoriais dos corpos. O lugar de fala se dá a partir de experiências localizadas socialmente e perpassa pela autorização discursiva. O conceito de lugar é atravessado pelas experiências sensoriais e pelo afeto. Todas estas dimensões – sensibilidade, experiência e vivência – e conceitos – lugar e lugar de fala – possuem como elemento central o corpo e a corporeidade.

O lugar traz consigo as vivências sensoriais, vividas a partir do corpo e pelo corpo, espacializando as vivências. Já o lugar de fala traz, além do lócus e da autorização discursiva, a corporeidade. Lorena Francisco de Souza (2007) afirma, a partir da leitura de Santos (1997) sobre corporeidade, que o termo corresponde à representação do corpo – neste caso o negro – no lugar o no mundo, pois as individuais e indivíduos são vistos pelos seus corpos e julgados a partir deles. Assim, é a partir da representação do corpo e da vivência que se localiza a individual e o indivíduo, e conseqüentemente sua fala e seu lugar de fala. Assim, é possível perceber que o conceito de lugar de fala e o de lugar estão, unidos, pelas vivências das pessoas e seus corpos no mundo.

Para Souza (2007) as mulheres negras enquanto sujeitas sociais, experienciam a dimensão espacial das relações de gênero,

raça e classe social. Desta forma, pode-se concluir que as relações de gênero, raça e classe são produzidas socialmente e estão constituídas no espaço, são reproduzidas socialmente e vividas por meio das experiências. A autora afirma ainda que o espaço é o lócus da problemática e que envolvem os segmentos sociais e também de suas trajetórias, suas memórias sobre deslocamentos pelas cidades, das migrações, da vida no interior e na metrópole, dos locais de lazer e trabalho.

Segundo Andreilino de Oliveira Campos (1998) os grupos dominantes produziram historicamente a estigmatização do espaço, ao considerar o favelado e moradores de periferias uma classe perigosa por representar o diferente, o outro, no que se refere ao espaço urbano. E por mais que neste contexto haja uma generalização do estigma na figura e no corpo do favelado ou periférico, o estigma atinge a população negra de forma mais intensa. Já Ratts (2014) afirma que a formação cultural brasileira é marcada por encontros e confrontos entre grupos sociais étnico-raciais diferenciados e distintos, numa longa construção e em um processo contínuo. O autor destaca que “a intersecção entre raça, gênero e espaço conforma uma perspectiva de abordagem das relações sociais brasileiras” (RATTS, 214, p. 335). Neste aspecto, conclui-se que o espaço é vivenciado de diferentes formas pelas individuais e indivíduos em seu cotidiano.

É possível pensar, desta forma, que a produção social da diferença e a estigmatização de individuais e indivíduos se retroalimentam, e ambos os processos se dão por meio da inserção dos corpos no mundo, pois é a partir do corpo que pessoas são socialmente lidas como mulheres, homens, indígenas, negros, brancos...

É fácil compreender, entretanto, que identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência. A forma afirmativa como expressamos a identidade tende a esconder essa relação. Quando digo "sou brasileiro" parece que estou fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma. "Sou brasileira" - ponto. Entretanto, eu só preciso fazer essa afirmação porque existem outros seres humanos que não são brasileiros. [...] As afirmações sobre diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis (SILVA, 2000, p. 73-74).

Pode-se pensar a partir das reflexões de Silva (2000) a inseparabilidade de diferenças, identidades e corpos – e de suas construções sociais. Ratts (2017) afirma que o corpo e suas identificações podem ser reconhecidos como uma categoria de pensamento (social, espacial, cultural, antropológica, geográfica e histórica) e ação. Segundo Souza (2016, p. 10) o corpo “é um elemento central da representação social da raça e do gênero que, geralmente, produz uma percepção estereotipada e calcada numa cisão entre superioridade e inferioridade”. Assim, pode-se pensar o corpo como elemento central de qualquer representação social que “desvie” da “norma”, que seja desviante do que se considera o padrão.

### **Considerações Finais**

O lugar de fala traz consigo a ideia de quebra do regime de autorização discursiva, a partir de experiências e vivências comuns a certos grupos – principalmente a partir das experiências de mulheres negras. O foco é tentar compreender as condições que

constituem estes grupos, quais são as experiências que as pessoas compartilham a partir de estruturas e matrizes de dominação e hierarquização – ou seja, do lócus de enunciação social pensado a partir da localização dos grupos nas relações de poder. De acordo com Ribeiro (2017) falar não se restringe apenas ao ato de emitir palavras, e sim de poder existir.

Já o conceito de lugar, segundo Tuan (1983) e Cirqueira (2010), é construído a partir da relação afetiva de pessoas e grupos com o espaço. O lugar não deve ser confundido com o local, que seria a dimensão espacial na qual as pessoas se relacionam de forma direta e efetiva, de maneira superficial. O local é, assim, um ponto físico ou cartográfico. Tuan (1983) afirma que o lugar, a partir do vínculo afetivo e do pertencimento, está ligado a esses laços que se desenvolvem ao longo da vida de indivíduos ou grupos sociais.

Assim, pode-se afirmar que a partir das noções de corpo, corporeidade e das experiências, há aproximações entre o lugar de fala e o conceito de lugar. Experiências, estas, que podem ser chamadas de experiências geográficas, visto que é no espaço que as vivências acontecem e se desenrolam. Desta forma, pensando a partir da análise espacial, o conceito lugar de fala refere-se ao lócus de enunciação discursiva. O lugar não é pensado como conceito, e sim como sinônimo de local, promovendo um esvaziamento do conceito. A afetividade e a espacialidade das relações sociais são primordiais para o conceito de lugar.

Ao mesmo passo, ao se pensar o corpo como corpo-lugar, de onde partem as experiências, o lócus de enunciação, e a afetividade e pertencimento por si próprio, é possível pensar na geograficidade do lugar de fala. Cabe não apenas às geógrafas e geógrafos pautarem o

lugar como conceito geográfico, e não apenas como sinônimo de localização.

### Referências bibliográficas

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

BRAH, Avtar. “Diferença, diversidade, diferenciação”. In: *Cadernos Pagu*, Campinas/SP, v. 26, p. 329-365, jan./jun, 2006

CAMPOS, Andreilino de Oliveira. *Do quilombo à favela: o tráfico de drogas enquanto estratégia de sobrevivência ilegal nos marcos de uma ordem segregacionista*. 1998. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. *Trajatórias socioespaciais de estudantes negras e negros da Universidade Federal de Goiás*. 2008. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

\_\_\_\_\_. *Entre o corpo e a teoria: a questão étnico-racial na obra e trajetória de Milton Santos*. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

COLLINS, Patricia Hill. Comment on Hekman's "Truth and Method: Feminist Standpoint Theory Revisited": Where's the Power? *Signs: Journal of women in culture and society*, v. 22, n. 2, p. 375-381, winter 1997.

\_\_\_\_\_. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Soc. Estado*, v. 31, n.1, p. 99-127, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

GALLO, Silvio. Sob o signo da diferença: em torno de uma educação para a singularidade. SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. (Org.).

*Cultura, Poder e Educação* – um debate sobre estudos culturais em educação. 1ed. Canoas: Editora da ULBRA, 2005, p. 213-223.

KILOMBA, Grada. *Plantation Memories: episodes of everyday racism*. Berlim: Unrast, 2008.

LEFEBVRE, Henri. *La Produccion Del Espacio*. Madrid: Capitán Swing, 2013.

LUEDJI LUNA. *Um corpo no mundo*. São Paulo: YB Music, 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=pcEe9nU0P4Q>> Acesso em maio de 2019.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Editora Vozes LTDA, 1997.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set/dez. 2014.

MASSEY, Doreen. *Pelo Espaço: Uma Nova Política de Espacialidade*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. *Space, Place and Gender*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

MOHANTY, Chandra. *Bajo los ojos de occidente: Academia Feminista y discurso colonial*. NAZAZ, Liliana Suárez; CASTILLO Rosalva Aída Hernández. (Org.). *Descolonizando el Feminismo: Teorías y Prácticas desde los Márgenes*. Madrid: Ed. Cáteatra, 2008.

MOREIRA, Ruy. Uma ciência das práticas e saberes espaciais. *Revista Tamoios*, São Gonçalo, ano 13, n.2, p. 26-43, jul-dez 2017.

PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PORTUGAL, Jussara Fraga. *“Quem é da roça é formiga!”: Histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de Geografia de escolas rurais*. 2013. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Departamento de educação Campus I, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

RATTS, Alex. “Corporeidade e diferença na Geografia Escolar e na Geografia da escola: Uma abordagem interseccional de raça, etnia, gênero e sexualidade no espaço educacional”. *Terra Livre*, São Paulo, v. 1, n. 46, ano 31, p. 114-141, 2017.

\_\_\_\_\_. Gênero, raça e espaço: Uma abordagem da trajetória de mulheres negras. SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento; SILVA, Joseli Maria (ORGS.). *Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial*. Ponta Grossa: Toda palavra, 2014. p. 333-354

\_\_\_\_\_. Gênero, raça e espaço: trajetórias de mulheres negras. Comunicação apresentada no *XX Encontro Nacional da ANPOCS*, Caxambu-MG, out. 2003. Disponível em <[https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/08/ARatts\\_Genero.pdf](https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/08/ARatts_Genero.pdf)> Acesso em 30 de jan. de 2018.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

\_\_\_\_\_. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIVERA, José Armando Santiago. Los escenarios de La cotidianidad, La educación geográfica y La compleja realidad globalizada. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 5, n. 9, p.04-28, jan./jun., 2015.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 54, p. 81-97, jun. 1977.

\_\_\_\_\_. As cidadanias mutiladas. GERNER, Júlio (org.). *O preconceito*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1997, p. 133-144.

SILVA, Joseli Maria. Gênero e espaço: Esse é um tema de geografia? In: AZEVEDO, Daniel Abreu de; MORAIS, Marcelo Alonso. (Org.). *Ensino de Geografia: Novos temas para geografia escolar*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2014. p. 97-125.

SILVA, Joseli Maria; SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento. Introduzindo as interseccionalidades como um desafio para a análise espacial no Brasil: Em direção às pluriversalidades do saber geográfico. SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento; SILVA, Joseli Maria (ORGS.). *Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial*. Ponta Grossa: Toda palavra, 2014. p.17-35

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. TADEU, Tomaz Tadeu da. (Org). *Identidade e diferença:*

a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000, p. 73-102.

SOUZA, Lorena Francisco de. *Corpos negros femininos em movimento: trajetórias socioespaciais de professoras negras em escolas públicas*. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, UFG, Goiânia, 2007.

SOUZA, Lorena Francisco de; RATTS, Alex. Gênero, raça, educação e ascensão social: As professoras negras e suas trajetórias socioespaciais. *I Seminário Nacional de Trabalho e Gênero*, UFG, 2008a.

Submetido em: 13 de maio de 2019.

Devolvido para revisão em: 23 de maio de 2019.

Aprovado em: 06 de junho de 2019.

**Como citar este artigo:**

AZEVEDO, Luyanne Catarina Lourenço de. Corpos no mundo: a geograficidade do conceito de lugar de fala. **Terra Livre**, v. 1, n. 52, p. 641-661, jan.-jun./2019.